Seminário 11

SANTOS, Amália Cristóvão. A América Portuguesa sob as luzes do scanner: arquivos, reprodução e manipulação digital da cartografia histórica. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 24, p. 71-98, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0303>.

Alunos: Fabrício Forganés Santos e Marina Kohler Harkot

Comentário das professoras

A dupla apresentou muito bem a autora, relacionando o tema do texto de seminário com sua formação e pesquisas no campo da história da cidade/ urbana. Nesta apresentação, o interessante foi a recuperação que fizeram dos desafios de pesquisa a partir da crítica e do trabalho com as fontes de pesquisa, neste caso específico os mapas. Reparem que essa crítica e as questões levantadas pela autora estão diretamente vinculadas aos seus problemas de pesquisa que, em grande medida, se vinculam à busca de estudar a ocupação e conformação dos territórios urbanos e rurais a partir dos atores sociais. Nesse sentido, a cartografia é um documento e não uma mera representação do espaço, um produto da ação social investigado desde a sua encomenda até circulação que traz dados para a pesquisa que o que apresenta ou silencia e que deve ser confrontado com outras fontes documentais – nunca tomado como neutro.

No artigo em questão, além dos pontos acima levantados, essenciais para o exercício de desnaturalização de uma fonte de pesquisa tão recorrente em nossa área, Santos também problematiza o uso das novas ferramentas e programas de reprodução e manipulação da cartografia histórica, no fundo, com a mesma intenção de desnaturalizá-los, de chamar atenção do pesquisador para que seu uso não se faça sem reflexão, de modo acrítico.

A apresentação geral do texto também está muito bem feita, por isso, os comentários abaixo vão no sentido de destacar alguns pontos e estabelecer conexão entre esse texto e outros que discutimos no semestre.

O texto, como vocês apontaram, conforma o dossiê “Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história da arquitetura e da cidade no Brasil” que de fato reuniu trabalhos com o objetivo de problematizar o uso de diversas fontes recorrentes em nosso campo de pesquisa (e não necessariamente elencadas pela Escola dos Annales, embora seja essa a Escola e sua discussão sobre os documentos nossa inspiração para o Dossiê e a principal referência para o/as autore/as ali presentes).

Outro aspecto importante do texto que merece ser destacado é a discussão que a autora faz da criação e organização dos arquivos e formas de difusão dos documentos por eles guardados. Essa é outra discussão que atravessa os artigos do Dossiê (em especial os de Santos, Eduardo Costa, Joana Mello e Nilce Aravecchia) e que vale ser considerada por vocês, inclusive nas monografias que desenvolverão para a disciplina.

A autora apresenta de forma bastante elucidativa e inspiradora a possibilidade do uso dos mapas como um instrumento de reflexão, algo presente também quando do redesenho de projetos arquitetônicos. No nosso campo específico de pesquisa, essas

duas fontes – mapas e projetos – são instrumentos de investigação, para além de representação, que possibilitam não só intervir, mas também pensar sobre o espaço, sua conformação e usos nas mais diversas escalas. Nesse sentido, vale lembrar de outra referência importante para o curso, apresentada na aula sobre “Espaço e história” que é LEPETIT, Bernard. Arquitetura, Geografia, História: Usos da Escala. In: Por uma nova história urbana. (Org. de Heliana Salgueiro). São Paulo: Edusp, 2001, p. 191-226. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nPacbxF-6DZ3TV_78NtEFk7ZAbdlxBhS/view?usp=sharing.

Por fim, vale reforçar que para os que irão trabalhar com mapas o texto da Amália dos Santos é uma referência importante, tanto pelas discussões por ela levantadas quanto pelas referências de arquivos, programas e de textos que tratam do tema.